

**PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL:  
uma prática de espetacularização da carreira docente**

*Maurício Dos Santos Ferreira*

## RESUMO

Este artigo apresenta o recorte de um estudo sobre *reconhecimento social docente*, cujo objetivo é analisar e colocar sob suspeita o *Prêmio Professores do Brasil*, organizado pelo Ministério da Educação e seus parceiros. Esse concurso orienta uma experiência de reconhecimento social que enfatiza a *espetacularização da carreira*. Para defender essa proposição analisei as 7ª e 8ª edições do certame, realizadas, respectivamente, em 2013 e 2014. Ferramentas analíticas como *governamentalidade* e *práticas de si*, desenvolvidas por Foucault, e *sujeição social* e *servidão maquínica*, tal como Lazzarato as emprega inspirado em Deleuze e Guattari, possibilitaram-me perceber que o Prêmio opera por meio da tríade *experiência pedagógica-premiação-espetacularização* a fim de engendrar um modo de ser professor que denominei de *subjetividade docente superlativa*. De forma ambivalente, tais investimentos na carreira propiciam novas experiências pedagógicas ao passo que restringem o fazer docente aos princípios do mercado econômico em que a espetacularização tem sido uma das principais estratégias de condução das condutas.

**Palavras-chave:** Reconhecimento Social Docente. Governamentalidade. Regimes de Subjetivação. Prêmio Professores do Brasil.

## INTRODUÇÃO

Apresento, aqui, o recorte de um estudo que realizei sobre o *reconhecimento social docente*, cujo objetivo foi analisar e colocar sob suspeita o *Prêmio Professores do Brasil - PPB*, organizado pelo Ministério da Educação e seus parceiros. O contexto no qual emerge essa e outras práticas de valorização docente leva-me a considerar que poucas vezes se esperou tanto dos professores quanto agora. Isso porque, também, nunca se exigiu tanto dos sujeitos. Com as mudanças ocorridas na ordem cultural, social e econômica, fortemente potencializadas a partir da segunda metade do século XX, novos modos de regulação da população passaram a organizar a vida em sociedade e a requerer outro tipo de cidadão. Impulsionados pela racionalidade neoliberal, indivíduos e máquinas são organizados frente a frente – não para um embate, mas para uma conexão – de modo a garantir e expandir, “ilimitadamente”, os ganhos de capital. Ao avançar nessa esteira, abandona-se, em parte, o esquadramento dos períodos e dos lugares para enfatizar os deslocamentos. Nessas

dispersões do próprio sujeito, a rede mundial de computadores tem servido de suporte à aceleração da emergência de novas formas de vida (SIBILIA, 2008).

Diante dessas reconfigurações, meu argumento a respeito da singularidade das exigências atuais vai ao encontro da afirmação de Zygmunt Bauman (2007, p. 5) de que “nenhum período da história humana tem posto os educadores frente a desafios tão decisivos como os dos nossos dias”. Pois, ainda é deles a tarefa de introduzir, de forma sistematizada e obrigatória, as novas gerações nos sistemas de saber considerados verdadeiros, apesar de toda fragmentação e dispersão que possa caracterizar tais agenciamentos. Eis os desafios contemporâneos; eis os desafios à docência.

Percebe-se, portanto, uma tendência em reconfigurar a docência e a posição social ocupada pelo Trabalho Docente – TD<sup>1</sup>. A performance em termos de produtividade dos professores e das instituições de ensino levaram Stephen Ball (2010, p. 41) a empregar o termo *economia da educação*, assumida por mim como a situação geral que orienta e mobiliza movimentos neoliberais no campo da Educação contemporânea.

Nesse quadro de problematizações, centrei-me sobre as formas como os docentes têm sido socialmente reconhecidos pelo trabalho que realizam, pela contribuição que dão ao projeto neoliberal de sociedade. Para tanto, recorri aos Estudos Culturais em sua vertente pós-estruturalista a fim de elaborar esta pesquisa, cujo escopo investigativo limita-se às 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> edições do Prêmio, realizadas, respectivamente, em 2013 e 2014. Ferramentas analíticas como *governamentalidade e práticas de si*, desenvolvidas por Michel Foucault, e *sujeição social e servidão maquínica*, tal como Maurizio Lazzarato as emprega inspirado em Deleuze e Guattari, compuseram os procedimentos investigativos desse estudo.

Destaco que após a formulação inicial de governamentalidade apresentada no curso de 1977-78, Foucault (2010a, p. 225) opera um alargamento conceitual e afirma que,

[...] a reflexão sobre a noção de governamentalidade, penso eu, não pode deixar de passar, teórica e praticamente, pelo âmbito de um sujeito que seria definido pela relação de si para consigo. Enquanto a teoria do poder político como instituição refere-se, ordinariamente, a uma concepção jurídica do sujeito de direito, parece-me que a análise da governamentalidade – isto é, a análise do poder como conjunto de relações reversíveis – deve referir-se a uma ética do sujeito definido pela relação de si para consigo. Isso significa muito simplesmente que, no tipo de análise que desde algum tempo busco lhes propor, devemos considerar que relações de poder/governamentalidade/governo de si e dos outros/ relações de si para consigo compõem uma cadeia, uma trama e que é em torno dessas noções que se pode, a meu ver, articular a questão da política e a questão da ética.

---

<sup>1</sup> Registro *Trabalho Docente* com iniciais maiúsculas para marcá-lo como campo de investigações e não, somente, como atividade laboral realizada pelos professores.

A partir dessa nova inflexão, diria que estamos diante de uma profícua articulação entre as duas estratégias analítica selecionadas para esta pesquisa. À definição de regimes de subjetivação acrescento que “no capitalismo, a produção de subjetividade opera de duas maneiras, que Deleuze e Guattari denominam dispositivos de sujeição social [*assujettissement sociaux*] e servidão maquínica [*asservissements machiniques*]” (LAZZARATO, 2014, p. 17). O autor italiano apresenta a *sujeição social* como processo que “[...] nos dota de uma subjetividade, atribuindo a nós uma identidade, um sexo, um corpo, uma profissão, uma racionalidade e assim por diante”. A *servidão maquínica*, por sua vez, “[...] desmantela o sujeito individuado, sua consciência e suas representações” (Idem). O processo de sujeição social faz uso de recursos linguísticos e dos discursos; já o processo de servidão maquínica, “desmantela o sujeito individuado” porque instala procedimentos, protocolos, rituais e diagramas de funcionamento, cujas operações independem de sujeitos específicos (posições ocupadas no discurso) para funcionarem. Os indivíduos, quando participam de tais sistemas, não são mais que engrenagens ao lado de equipamentos eletrônicos, ferramentas, máquinas mecânicas, formulários. Tais dispositivos não exigem a consciência que a sujeição social solicita. São operados ou preenchidos de forma automatizada.

A noção de “servidão”, adotada por Deleuze e Guattari e apropriada por Lazzarato, tem duas acepções: a primeira refere-se à ideia de transformar os indivíduos em servos, escravos; a segunda, que me parece mais produtiva, diz respeito ao termo técnico da Engenharia de Automação e Controle que designa sistemas e controles automáticos, instalados em máquinas e equipamentos, também conhecidos no Brasil como *controle tipo servo* ou *servo controle* (ONETO; LENCASTRE, 2014). A noção de servidão maquínica foi profícua para compreender o funcionamento do *Prêmio Professores do Brasil*. Destaca o sociólogo que é improdutivo restringir a máquina ao ponto de vista da técnica. As máquinas são mais insidiosas do que as suas funcionalidades anunciadas<sup>2</sup>.

Assim, uma importante distinção é feita: existem máquinas técnicas (equipamentos eletrônicos, máquinas mecânicas, impressoras, automóveis, etc.) e máquinas sociais. Nestas, em suas múltiplas formas e variedades, os “elementos humanos” e os “elementos não humanos” atuam em conjunto como partes componentes de sua estrutura. Assim, “as instituições públicas, a mídia, o Estado de bem-estar social etc. devem ser considerados – sem metáfora – máquinas, pois eles agenciam (maquinam) multiplicidades (pessoas, procedimentos, semióticas, técnicas, regras etc.)” (LAZZARATO, 2014, p. 73).

---

<sup>2</sup> Ver, principalmente, Foucault (2005); Varela e Álvarez-Uría (1992); e Bujes (2002).

O que se pode concluir é que as chamadas máquinas sociais articulam a sujeição social e a servidão maquínica para produzirem subjetividades específicas. No caso do PPB, seria assumi-lo como uma máquina que tem dispositivos e dinâmicas próprios dessa modalidade. Complementarmente, Lazzarato (2014) busca em Guattari a definição de diagrama como sendo uma “semiótica de funções operacionais” pelo qual os sistemas (preenchimentos, rituais, protocolos) são reproduzidos com exatidão sem exigir, de quem os opera, que recorram à representação, ao significante<sup>3</sup>. Em razão dessa disposição que se objetiva dos agentes humanos e não humanos que a servidão maquínica trata das semióticas a-significantes<sup>4</sup> – práticas não discursivas.

Ao definir as edições do PPB e as ferramentas conceituais, chego à 79 + 1 premiados, sendo que 40 são de 2013, 39 de 2014 e mais um, o professor Bruno Lima, que apesar de ter sido vencedor no 6º PPB, foi homenageado em 2013 por ter vencido na categoria *Juri Popular* e teve sua imagem veiculada às demais presenças da 7ª edição. Por meio de descritores específicos, realizei uma ampla busca na internet e cheguei a um farto repertório de textos e produtos audiovisuais sobre o Prêmio, originados dentro e fora do âmbito do MEC, como, por exemplo, documentos oficiais do concurso, reportagens nos sítios de prefeituras, agências jornalísticas e páginas do *Facebook* dos participantes. Com esse material em mãos, optei por focar nos aspectos da estrutura e condicionalidades do Prêmio e não nas questões epistemológicas das experiências docentes ou nos encaminhamentos pedagógicos.

A forma como o Prêmio difunde-se pela rede mundial de computadores levou-me a definir o que chamei de *protocolo operacional*. Uma tecnologia responsável tanto pela visibilidade dos professores premiados quanto por atingir, com suas propostas, os demais sujeitos que de alguma forma acompanham o concurso. Esse procedimento de atuação na internet é composto pela tríade *experiência pedagógica-premiação-espacularização*. A articulação dos três componentes entre si, e não somente o segundo, é que tem gerado efeitos sobre o TD na contemporaneidade. A *experiência pedagógica* do professor quando submetida à candidatura do PPB já não é mais a mesma. Transforma-se em outra coisa, pois é refletida e narrada sob certos critérios. Passa a seguir uma gramática do poder instituído que lhe condiciona não somente a escrita, mas, sobretudo, a forma de equacionar e valorar o ocorrido.

---

<sup>3</sup> Inscrição, marca material, de algo que não está ali *apresentado*, mas *re-presentado*.

<sup>4</sup> “A semiótica – como prática de descrição e de análise de significação – está preocupada com aqueles objetos que resultam de um processo de construção social, isto é, precisamente aqueles objetos que, na formulação de Saussure, podem ser caracterizados pela relação ‘significante/significado’ – signo” (SILVA, 2003, p. 39). É por essa razão que Lazzarato (2014) – compreendendo essas operações a partir de outro referencial que não o estruturalismo – observa que, a rigor, não existiria uma *semiótica* dos elementos a-significantes, mas opta, mesmo assim, por manter a termo.

A *premiação* – segundo elemento – imprimirá nova etapa a esse processo iniciado, ainda, na escola. De docente-candidato o indivíduo passa a “Professor do Brasil”. O sujeito, agora, está na lógica e aquilo que é tomado como verdade, no interior de determinada lógica, coloca o sujeito na posição de quem diz “[...] é verdade, eu me inclino!” (FOUCAULT, 2010b, p. 70). O professor para ser premiado deve se inclinar. Caso contrário, fará parte dos 6.769 candidatos que ficaram pelo caminho em 2014. Outro desdobramento que pude deduzir da lógica é que o sujeito que se inclina age sobre si em um ato de autoconvencimento, estabelecendo, assim, uma relação (sempre) tensa com o discurso que necessita ser processado por aparatos de subjetivação.

A *espetacularização* – terceiro termo da equação proposta – trata da tendência de que o discurso verdadeiro da docência não se restringe somente à ação do professor em sala de aula, naquilo que deu certo ou errado, e o posterior compartilhamento dos seus resultados entre pares e sua comunidade. Existe algo como que uma expansão do *campo de atuação* sob a qual a verdade se constitui. Aquilo que se elabora em processos de ensino e de aprendizagem com seus alunos tende à necessidade de ser reconhecido por outras instâncias e o *Prêmio Professores do Brasil* figura como um local possível. Poder comunicar o que fez de suas aulas e de si para melhor educar; ter a sua experiência circulando na TV, revistas e internet; e ser interpelado por jornalistas e especialistas; configura-se como a última etapa do protocolo de operação que proponho.

Vejamos, portanto, como essa analítica que acabei de apresentar me possibilitou visibilizar o processo de espetacularização da carreira docente.

## **ESPETACULARIZAÇÃO DA CARREIRA DOCENTE**

*Nem acreditei. [...] Logo pensei nos alunos da escola que ficavam [dizendo]: - professor, o senhor vai ganhar. Por eles, eu queria muito, mas a gente vê tanto projeto fantástico. Tem professores com projetos, ali, que dá pra ganhar prêmios até internacionais. E estar nesse meio e ter a oportunidade de ter ganho, sabe, já valeu todo o esforço.*  
[Jayse Antonio da Silva Ferreira - Vídeo de Premiação da 8ª Edição]  
(BRASIL, 2014g)

A experiência de reconhecimento social conduziu os professores por um longo percurso até chegarem ao que são hoje. Somos herdeiros e a própria herança de um poder-saber que agiu não somente sobre as competências, mas, também, sobre as formas de valorização docente, transformando-nos em *funcionários de um tipo particular* (NÓVOA, 1991). Foucault (2010c. p. 262) é contundente ao afirmar que a experiência é “[...] a

racionalização de um processo ele mesmo provisório, que redundava em um sujeito, ou melhor, em sujeitos”. O reconhecimento tomado como experiência e esta como *racionalização provisória*, instiga o professor Jayse Ferreira e seus alunos a desejarem muito o prêmio. De forma ilustrativa, é interessante destacarmos dois breves comentários postados na internet junto a reportagens em que o professor em questão é destaque por vencer o 8º PPB: a primeira comentarista manifesta-se acerca da matéria do jornal *JC*; o segundo, expressa-se a respeito da reportagem na seção de Educação do portal *UOL*. Escrevem os internautas:

*Lindo trabalho!![sic] Orgulho de você professor Jayse, que foi além de ensinar, você os ajudou a conhecer um pouco mais de suas raízes e cultura. E é isso que nos ajuda a se valorizar como povo e pessoa: conhecer a si próprio! [Priscila] (PRISCILA, 2014, s/nº).*

*Parabéns, Jayse!!![sic] Você honra, engrandece e dignifica nossa categoria. [Marcelino Campos da Silva] (SILVA, 2014, s/nº).*

Claramente mobilizados pelo feito “grandioso” do professor premiado, o singular teor dos comentários remete-nos à expectativa dos alunos que destacava anteriormente. Em meio a certa confusão, ou melhor, imprecisão, o que talvez esteja de acordo com esse tipo de manifestação mais livre de escrita, a internauta Priscila opera uma clivagem entre o ato de ensinar (sabe-se lá o que?!) e aquilo que o professor Jayse fez em seu projeto *Eu Sou uma Obra de Arte: etnias do mundo*, desenvolvido junto aos alunos do Ensino Médio de Itambé/PE. Já Marcelino Silva, deixa transparecer a sua identificação com a categoria e ressalta os ganhos que o professor trouxe para a profissão. Por ele ter cumprido com o papel docente, o internauta sente-se honrado. Suspeito que esse desempenho não se refere somente ao fato de ter conduzido os jovens à aprendizagem de suas raízes étnicas, mas por ter, do mesmo modo, conseguido ocupar essa posição de destaque no âmbito nacional. Se Jayse e os dois comentaristas são amigos, colegas da mesma escola, trabalham na mesma rede de ensino, pouco nos importa. Cumpre-me enfatizar que ambos os registros, colocados na rede mundial de computadores, são expressões de um desejo por visibilidade concretizado pela conquista do Prêmio. De forma complementar, acrescento que a fabricação desse desejo ocorre, para mim, em meio à “luta por visibilidade” (BALL, 2010, p. 39).

Percebemos que tal luta é marcada na fala do professor Jayse quando avalia que os demais projetos são fantásticos e que alguns até poderiam ganhar prêmios internacionais. Observemos que a sua declaração não é de alguém que se encontra na *exterioridade selvagem do discurso* (FOUCAULT, 2007b). É a manifestação de quem já está *dentro*; de um sujeito que pertence ao grupo de vencedores do concurso e, por isso, identifica-se com aqueles

projetos considerados bem sucedidos. Para estar ali, ao lado de outros colegas destacados, passou por etapas, cumpriu as regras e rituais exigidos e deixou milhares de candidatos para traz. Aquilo que diz tem um peso diferente para quem o ouve, sejam os alunos que torciam por ele, colegas de profissão ou pessoas em geral que acompanham os resultados do PPB. Contudo, não é somente nessa dinâmica, própria do Prêmio, que ocorre essa luta. Além de competir, faz-se necessária a *intensificação* de demonstrações de várias ordens (BALL, 2010). Tal noção, empregada pelo sociólogo, é lida por mim como sendo a possibilidade de avançar, cada vez mais, nos círculos de visibilidade, de reconhecimento social.

Por partir dessa compreensão é que apresento como epígrafe a narrativa do professor pernambucano. Sua projeção inicia-se com a entrevista concedida na cerimônia de premiação, desdobra-se e intensifica-se no jornal *JC*, na página do *UOL* e em outros espaços midiáticos. Matérias escritas, semelhantes a essas destacadas, e vídeos com as suas falas tornam possível considerar que estamos diante de um complexo processo de visibilidade. Porém, enquanto no percurso sócio-histórico do Trabalho Docente do século XVI à primeira metade do século XX visibilizava-se o desenho de uma profissionalização do magistério<sup>5</sup>, entendida como uma condição coletiva, agora, em sua continuidade contemporânea, a experiência de reconhecimento social expande-se e exacerba-se de tal forma que é possível percebermos um *fenômeno de espetacularização* – não mais, exatamente, da profissão, mas sim, principalmente, da carreira docente. Conceituemos essa noção a partir do que os excertos têm mais a oferecer:

*Todos os professores selecionados também foram convidados a produzir um vídeo sobre suas iniciativas. Os conteúdos audiovisuais, postados no YouTube, passaram por votação popular e o melhor projeto receberá uma premiação extra. (FUNDAÇÃO VOLKSWAGEN, 2013, s/nº).*

*Ficamos muito satisfeitos pela conquista da nossa educadora, é gratificante ver o trabalho da nossa equipe sendo reconhecido nacionalmente [projeto de Ana Tárzia Messias Bastos Dias. Declaração de Wygneley Morais - Prefeito de Jesúpolis/GO] (MORAIS, 2013, s/nº).*

Anunciado nos Regulamentos do Prêmio de 2013 e 2014, o convite para que os vencedores elaborem vídeos de curta duração é reforçado pela *Fundação Volkswagen* em sua página na internet. Tais produções deveriam ser postadas no *YouTube* e o autor do conteúdo que recebesse mais “curtidas” seria contemplado com uma premiação extra. Essa plataforma de criação e divulgação de conteúdos audiovisuais pertence à *Google* e tem, como se sabe, servido de potente máquina de visibilidade. Ao fazer uso dessas mídias – TV e internet, na

---

<sup>5</sup> Ver Costa (1995); Enguita (1991); Nóvoa (1991); Varela e Álvarez-Úria (1992).

qual se destacam tanto o *YouTube* quanto o *Facebook* – o Prêmio conecta os candidatos às ferramentas publicitárias de ponta de nossa época.

Detendo-se mais na análise das mídias digitais desenvolvidas a partir do início do século XXI, compreendidas como recursos da *Web 2.0*<sup>6</sup>, Paula Sibilia (2008, p. 27) destaca que “[...] é impossível desdenhar a relevância dos laços incestuosos que amarram essas novas tecnologias ao mercado, instituição onipresente na contemporaneidade, e muito especialmente na comunicação mediada por computadores”. Se a governamentalidade neoliberal racionaliza as interações midiáticas digitais a fim de fazer crescer o escopo de atuação do mercado, o seu conato – a economia da educação – segue-a ao abrir vários canais de projeção da imagem dos docentes premiados, “ofertando” suas carreiras.

Nessa direção, agora transbordando as táticas publicitárias do MEC, a professora Ana Dias vê-se citada em uma reportagem da prefeitura a qual está vinculada. Anteriormente, talvez a docente nem fosse conhecida por muitos moradores e quiçá pelo prefeito da cidade. Essa situação é recorrente nos matérias analisados e apontam, assim, para a reverberação midiática das experiências pedagógicas que são reconhecidas pelo concurso analisado. O que me chama a atenção nesse recorte específico é o *peso* que tem a satisfação do administrador público em poder contar com uma professora premiada no quadro funcional do município. Outros já demonstraram esse apreço, mas tal fato ganha relevância quando nos deparamos com as condições dessa cidade. Trata-se de um município com, aproximadamente, 2.221 habitantes, sendo que 1.363 residem na área urbana e 723 na zona rural<sup>7</sup>.

A intenção, aqui, em apresentar esses dados é dar densidade material a uma ideia que paira sobre este artigo desde as suas primeiras páginas: muitos dos professores que venceram as edições do *Prêmio Professores do Brasil* vêm as suas acanhadas carreiras, isso em termos de visibilidade, serem transformadas por uma experiência de reconhecimento que os arranca da condição de (quase) anonimato para posicioná-los como quase celebridades. Reafirmo que por meio dessa prática a professora da pequena Jesúpolis/GO, assim como os demais vencedores, saiu do seu núcleo profissional e tornou-se nacionalmente conhecida. Já não é mais a mesma profissional.

Como atesta Sibilia (2008, p. 26) a respeito do *eu* transformado em espetáculo na internet, “[...] a riqueza das experiências subjetivas [nessa trama virtual] é imensa, sem dúvida nenhuma. São incontáveis, e muito variadas, as estratégias individuais e coletivas que sempre desafiam as tendências hegemônicas de construção de si”. No contexto competitivo e

---

<sup>6</sup> Ver Sibilia (2008).

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://jesupolis.go.gov.br/sobre-o-municipio/historia/>>. Acesso em: 15 de jul. de 2015.

tecnológico em que se situa nossa sociedade é ingênuo pensarmos que, atualmente, nossas vidas privadas e públicas não se projetam, por meio dos usos da *Web 2.0*, umas sobre as outras a fim de garantir a permanente luta pela visibilidade. Em termos mais precisos, seria limitado pensarmos que as práticas de si, ressignificadas nas plataformas midiáticas digitais, permeariam somente o mundo corporativo e as experiências íntimas dos indivíduos e não abalariam, também, o mundo docente. O professorado não está “a salvo” da racionalidade empresarial em que o *eu* é um capital, uma fonte de renda, que precisa *aparecer* para ter valor.

As mídias “abertas” pelo Prêmio e seus parceiros, a exposição em escala nacional dos vencedores, que independe do MEC, oferecem-nos os parâmetros do que estou definindo como *espetacularização das carreiras docentes*. Duas questões apresentam-se à problematização que desenvolvo: a primeira, diz respeito a esse *eu* que se oferece nos processos mais amplos de espetacularização; e a segunda, refere-se à articulação desse fenômeno contemporâneo com as carreiras profissionais, especificamente, a da docência. Importante registrar, ainda, que não tratei como movimentos distintos a visibilidade e a espetacularização. Esta é uma dimensão intensificada daquela. Entretanto, ao potencializar, vertiginosamente, a percepção de si pelo olhar do outro em jogos de espetáculos socioculturais é possível compreendê-las, nesse ponto, como experiências específicas de reconhecimento.

Inspirada nas quase proféticas descrições de Guy Debord sobre a emergência de uma sociedade do espetáculo, Sibilia (2008, p. 27) considera que essa parafernália das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação – NTIC, apoiadas sobre a internet, tem alterado, profundamente, os modos de ser e estar no mundo. Em uma espécie de simbiose entre a exibição da intimidade e a espetacularização da personalidade, os homens e mulheres contemporâneos são conduzidos – e conduzem a si mesmos – de formas diferentes daquelas nas quais a sociedade disciplinar iniciada entre os séculos XVI – XVII e consolidada no século XVIII forjou, em moldes muito detalhados, o sujeito moderno. Aponta-nos a autora que,

A rede mundial de computadores se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades. [...] Não há dúvidas de que esses reluzentes espaços da Web 2.0 são interessantes, nem que seja porque se apresentam como cenários bem adequados para montar um espetáculo cada vez mais estridente: o show do *eu* (SIBILIA, 2008, p. 27, destaque da autora).

Tudo passa como se estivesse ocorrendo uma inversão do que aprendemos na Modernidade a respeito do “si mesmo”. A interioridade como a compreendemos, nascida do

trabalho constante, longo e reservado, exterioriza-se publicamente, deixando para traz a acalentada profundidade do sujeito. Acompanhando a rapidez das novas Tecnologias Digitais, uma parte significativa da população exhibe-se em *blogs, Youtube, Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp*, com uma voraz necessidade de ser seguido e seguir os passos e a vida daqueles que parecem transbordar a sua intimidade e personalidade nessas redes sociais contemporâneas. Uma analogia – talvez um pouco grosseira, mas muito ilustrativa – com a própria área da Informática seria como se transferíssemos os arquivos, fotos e lembranças guardadas em nossas dobras internas para um *HD* externo e público.

Essa preocupação com a sujeição é algo que vai ser tematizado pela Igreja e reforçado pelos pensadores modernos. *Sujeito*, segundo Foucault (2010c) é uma posição que se ocupa no interior dos dispositivos de poder que conduzem os indivíduos de forma mais ou menos homogênea com pesadas exigências de ordem moral focadas em um modelo com pretensões universais de ser único, centrado e racional. Em outras palavras, o sujeito é sempre sujeito de algum dispositivo. A partir do século XIX, vemos o sujeito moderno ser transformado, pouco a pouco, pelo discurso psicológico, em *Homo psychologicus*, cuja interioridade é aglutinada em um *eu* que possui uma misteriosa e abissal interioridade.

Sibilia (2008) comenta que para o pesquisador Hans Gumbrecht, o sujeito moderno dos séculos XVI e XVII era um sujeito racional e espiritual, que acreditava acessar o mundo externo de forma independente como se fosse um “observador de primeiro grau”. Já o sujeito moderno do século XVIII em diante está corporificado e observa-se no ato da observação, ou seja, é um “observador de segundo grau” que examina as formas e os efeitos de sua própria observação da realidade. Mas, por diversos motivos, vê a relação do seu *eu* com o exterior difusa e difícil de precisar. É necessário, a esses homens e mulheres, a auto-reflexão, e demais exercícios, para compreender a sua individualidade, as suas idiosincrasias contingentes. Não uma verdade divina ou uma verdade universal, mas aquela que o tornaria único.

Todo esse movimento de contestação do *eu observador de primeira ordem* para a invenção do *eu observador de segunda ordem* parece-me ser uma importante operação que ilustra a proposição de Bauman (2001) de que se a Modernidade derreteu os sólidos, transformando-os em fluidos, foi para solidificá-los em uma forma mais precisa, racional, administrável, ordenada e que durasse para sempre. Coerente com o que foi dito, Sibilia (2008, p. 103) conclui que “assim, a partir da matéria caótica e fragmentária que constitui toda e qualquer vida, nos relatos de si era preciso construir uma narrativa vital coerente e um *eu* igualmente coeso” [destaque da autora]. Mais do que o abandono de uma subjetividade luminosa e espiritual, constituída nos séculos XVI e XVII, e a consolidação de uma

subjetividade fragmentária, forjada a partir do século XVIII, diria que vemos, ao longo do século XIX, uma “fusão” desses dois regimes de subjetivação que chegam para nós como um único processo de produção do sujeito moderno.

Naquele contexto moderno, é muito provável que não teríamos um relato público como o que se segue:

*Eu exerço o magistério há vinte e quatro anos [...] e a maior parte do tempo eu tive um sentimento de realização no meu trabalho. Mas, nos últimos anos, eu enfrentei um profundo sentimento de tristeza e de desânimo frente às dificuldades que eu vivi em sala de aula. Eu percebi que eu precisava me reinventar como educadora e fiz um investimento na minha formação. [Gina Vieira Ponte de Albuquerque – TEDx Universidade de Brasília/Vídeo] (ALBUQUERQUE, 2015).*

Sem dúvidas, homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras modernos não se permitiriam ter seus sentimentos e dramas profissionais expostos dessa forma. Seria ultrajante, mesmo tratando-se de uma parcela da vida pública – o trabalho remunerado. Nessa forma de apresentar as situações, o público e o privado confundem-se um com o outro, o que caracteriza mais um aspecto que desestimularia os sujeitos modernos. Mas o relato está aí, disponíveis na internet, depois de já ter sido apresentado a um comitê do MEC e a um público formado por profissionais e universitários. Isso é possível porque outros dispositivos de subjetividade nos envolvem, nos incitam à espetacularização. As fronteiras erguidas entre o privado e o público, hoje, esfacelam-se diante das condições *líquido-modernas* (BAUMAN, 2001). Sibilia (2008, p. 109) aponta que em nosso século “o *Homo privatus* se dissolve ao projetar sua intimidade na visibilidade das telas, e as subjetividades introdirigidas se extinguem para ceder a passagem às novas configurações alterdirigidas” [destaques da autora]. Sua referência ao *alter-dirigidas* é muito provocativa para problematizarmos o *eu* espetacularizado.

Nesse universo povoado por *webcams*, redes sociais e *YouTube* não é o *eu* da interioridade moderna que deve ser dirigido pelo sujeito por meio de práticas de si (introdirigidas). Emerge um novo *eu*, que aparece nas telas por meio de usuários, perfis em redes, imagens e textos amplamente divulgados que será o alvo dos exercícios de ascense contemporâneos. Ele já não está, a rigor, na interioridade do sujeito, mas na exterioridade de sua imagem projetada por sons, *pixels* e caracteres. Como registra Sibilia (2008) em outra passagem, os processos de subjetivação ocorrem na *epiderme da experiência* ou, como na metáfora que propus em páginas anteriores, sucedem sobre o *eu* localizado no *HD* externo. Diante dessa torção do sujeito moderno, importa-nos perceber que a experiência de reconhecimento oportunizada pelo PPB opera em duas dimensões: a primeira, lida com as

repercussões sobre as subjetividades introdirigidas dos docentes que recebem a premiação e seguem seus trabalhos cotidianamente nas escolas, envolvendo-se com antigas e novas demandas; a segunda, trata das ressonâncias sobre as subjetividades alterdirigidas, vinculadas às mídias contemporâneas.

No excerto anterior, encontramos a professora Gina expondo seu premiado projeto pedagógico diante de uma plateia ávida por experiências de vida, resumidas em rápidas palavras no modelo *TEDx* (de 15 a 20min). Destaca, durante a apresentação, seus profundos sentimentos de tristeza e desânimo como motivadores para a mudança. Comenta que apesar dos vinte e quatro anos de magistério, percebeu que era hora de *reinventar-se*. Observo que a sua fala se aproxima dos formatados discursos de autoajuda da *busca pela felicidade*, da *transformação* e do *sucesso*, recorrentes nos dias atuais tanto em ciclos literários mais populares quanto acadêmicos, empresariais e educacionais. Transformadas em *télos* (finalidades) da sociedade contemporânea, Marín-Díaz (2015, p. 56) analisa que são discursos que levam o sujeito a ocupar-se de si mesmo e, “[...] para se conseguir sucesso e felicidade, é necessário transformar-se, não se pode ser mais o mesmo”. Ao colocar-se nesse registro de performatividade que conjuga a instantaneidade da fala com as práticas de si contemporâneas, parece-me que há um acento dramático nas considerações da docente premiada.

Acerca dessa condição, destaco que para Ball (2010, p. 49), nos formulários de emprego ou redações para obter promoções, “nós nos tornamos modelos perfeitos com múltiplas forças e possibilidades infinitas para trabalhos futuros, proficientes na arte estudada do convincente exagero”. Não estariam os docentes premiados aproximando-se, por meio da exposição pública, desse exagero narrativo das forças e potencialidades? Lazzarato (2014), ao fazer apontamentos a respeito do estudo de Marie-Anne Dujarier sobre “serviços de massa”, como clínicas geriátricas e cadeias de restaurante, destaca que nessas situações em que o trabalho é relacional, os atos de *falar* e *trabalhar* confundem-se. Sob o título de processos, esses atos tornam-se servidão maquínica e acompanham e definem a organização do trabalho.

O “eu” da subjetivação social não pode ser separado das máquinas técnicas, das máquinas organizacionais e dos processos, a não ser por meio da abstração. Novamente, devemos insistir nesse ponto: um pouco de subjetivação pode nos distanciar, mas muita subjetivação nos reconduz à servidão maquínica (LAZZARATO, 2014, p. 104).

Conforme os processos de gestão intensificam-se, mais essas ferramentas agem, em sincronia com os discursos, sobre as ações e afetos dos indivíduos. Ao compreendermos o *Prêmio Professores do Brasil* como uma máquina social, precisamos considerar que estão

articulados sob sua organização e na extensão de sua divulgação, inúmeros procedimentos, rituais, protocolos que não são redutíveis à esfera lingüística. Assim, “as palavras e proposições são o ‘input’ e o ‘output’ da servidão maquínica específicas das relações de serviço” (LAZZARATO, 2014, p. 101). Uma vez proferidas, são acionadas séries de procedimentos para encaminhar, limpar, conformar e excluir, quando necessário, o que foi dito – uma espécie de *taylorizar a conversação* (Idem).

Nesse sentido, os projetos encaminhados ao MEC são preenchidos em formulários que apontam para os critérios de atendimento e indicadores. Para apresentar-se no *TEDx*, ou mesmo em outros programas, um protocolo de comunicação deve ser, rigorosamente, seguido em termos de tempo e “graça” para que o público possa reconhecer como interessante, válida e extraordinária a história contada<sup>8</sup>. As ferramentas da *Web 2.0* constituem verdadeiras máquinas que, conforme a frequência de uso, operam em nós automatismos sobre formas de edições, termos-chave, sequências de textos, tratamento de sons e imagens. Tais *servidões* passam a fazer parte do nosso *eu* que se mostra, cada vez mais, nas telas brilhantes dos *computadores, tablets e smartphones*.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Nesse quadro – desenhado com “tintas” fornecidas por Foucault (2010a; 2010b; 2010c), Sibilia (2008), Lazzarato (2014), Ball (2010; 2013) e outros –, a *arte do exagero das forças e potencialidades do eu* é exercida pelos professores à medida que ingressam nos dispositivos de servidão maquínica, acionados no e a partir do *Prêmio Professores do Brasil*. Discursos, máquinas (técnicas e sociais) e sujeitos passam a interagir como se fossem engrenagem do próprio Prêmio. Aqui, são os saberes da competição e da exibição. Ali, encontram-se as plataformas e ferramentas digitais capturando e divulgando informações; procedimentos pré-definidos de *input* e *output* dos gestos, afetos e expressões tomados como verdadeiros; palavras transformadas em mecanismos que “disparam” reações e sensações automatizadas. Acolá, atuam os indivíduos no processamento de experiências pedagógicas; na fabricação de imagens e palavras intensificadas de si mesmos; no convencimento e condução dos outros acerca da excelência. Para usarmos uma expressão de Lazzarato (2014), esses são docentes de um processo de “muita subjetivação”. Inferimos, a partir desse exame, que

---

<sup>8</sup> Apesar de composto por palavras e termos, esse grupo funciona, no interior dos dispositivos, mais como disparadores de ações e afetos automatizados – maquínicos – do que na condição de significantes. É como se ao dizer “reinventar-se” a atenção do público estaria, prontamente, capturada.

estamos diante de uma *subjetividade docente superlativa*, constructo da experiência de reconhecimento social conduzida pela espetacularização da carreira. Enfim, o sujeito premiado passa a executar sobre seu *eu alterdirigido* práticas de ascese que envolvem escrita, confissão, visualização e, sobretudo, rituais e protocolos de automação.

## REFERÊNCIAS

- BALL, Stephen J. **Performatividades e Fabricações na Economia Educacional**: rumo a uma sociedade performativa. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 35, n.º 2, p. 37-55, mai/ago. 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. Entrevista sobre la Educación Desafios Pedagógicos y Modernidad Líquida. Por la Prof. Alva Porcheddu Traducción: Mariana Nobile. **Propuesta Educativa**. Argentina, n.º 28 FLACSO, p. 1-13. 2007. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/0007391633513378165ec>>. Acessado em: 02 de ago. de 2013.
- BUJES, Maria Isabel E. **Infância e Maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- COSTA, Marisa V. **Trabalho Docente e Profissionalismo**: uma análise sobre gênero, classe e profissionalismo no trabalho de professoras e professores de classes populares. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- ENGUITA, Mariano F. **A Ambiguidade da Docência**: entre o profissionalismo e a proletarização. Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannonica Editora, n.º 4, p. 41-61, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del Yo: y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2005. 30. ed.
- \_\_\_\_\_. **Seguridad, Territorio, Población**. *Curso em el Collège de France: 1977-1978*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007a. 9. ed.
- \_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2007b. 15. ed.
- \_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito**. Curso no *Collège de France: 1981-1982*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.
- \_\_\_\_\_. **Do Governo dos Vivos**. Curso no *Collège de France: 1979-1980*: excertos. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010b.
- \_\_\_\_\_. O Retorno da Moral. In.\_\_\_\_\_. **Ética, Sexualidade, Política. Ditos & Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c, p. 252-263.
- LAZZARATO, Maurizio. **Signos, Máquinas, Subjetividades**. São Paulo: Edições SESC São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- MÁRIN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda, Educação e Práticas de Si**: genealogia de uma antropotécnica. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- ONETO, Paulo Domenech. LENCASTRE, Hortência. Nota 4. In. LAZZARATO, Maurizio. **Signos, Máquinas, Subjetividades**. São Paulo: Edições SESC São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- NÓVOA, António. **Para o Estudo Sócio-Histórico da Gênese e Desenvolvimento da Profissão Docente**. Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannonica Editora, n.º 4, p. 109-139, 1991.
- RAMOS DO Ó, Jorge. **O Governo de Si Mesmo – Modernidade Pedagógica e Encenações Disciplinares do Aluno Lical** (último quartel do século XIX – meados do século XX). Lisboa: Educa e Autor, 2003.
- SENEILLART, Michel. *Situación de los Cursos*. In. FOUCAULT, Michel. **Seguridad, Territorio, Población**. *Curso em el Collège de France: 1977-1978*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006. p. 417-453.
- SIBILIA, Paula. **O Show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Currículo como Fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA. Fernando. **A Maquinaria Escolar**. Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannonica Editora, nº 6, p. 68-96, 1992.